

Ação para evitar crises

LEONARDO FEIJÓ

Como evitar crises financeiras? Economistas brasileiros e estrangeiros reunidos ontem no XI Fórum Nacional, no BNDES, apontaram como resposta a adoção de regras para a redução de riscos no sistema financeiro internacional. Segundo a maioria, no entanto, as normas devem ser adotadas de forma gradual e não podem ser aplicadas isoladamente, sob risco de serem inoperantes.

Entre as propostas para reduzir a instabilidade dos mercados estão a tributação dos fluxos de capitais, o limite para a alavancagem a que os fundos de investimento poderiam chegar e mesmo a transparência da alavancagem destes investimentos. Como instituir esse controle ainda é a maior dúvida. Para o ex-presidente do Banco Central (BC) Francisco Gros, é preciso cautela na adoção de medidas.

Limites ao capital – Gros assumiu a “posição do mercado” nos debates, para defender a tese de que seria improvável o sucesso de mecanismos de controle instituídos isoladamente em países em desenvolvimento. “O mercado hoje é a iniciativa privada e o capital sabe se defender muito bem. Estabelecer limites é possível, mas respeitando a realidade. Senão eles correm para outro lugar”, indicou.

“A lógica tradicional de que os investidores dividiriam os riscos por vários mercados não se confirmou”, prosseguiu Gros. “É preciso que haja consenso mundial, inclusive do próprio mercado, para que as regras tenham resultado”.

Para o economista do Banco Mundial Uri Dadush, diretor do Grupo de Perspectivas do Desenvolvimento do Banco Mundial, é o excesso do endividamento do governo

o maior problema a ser contornado no Brasil. A redução do déficit público e o controle rígido da inflação foram apontados como itens fundamentais para o crescimento. “No Brasil, o crescimento maior ocorreu quando havia hiperinflação, mas isso não é essencialmente necessário. Com queda dos juros e déficit controlado, é possível haver desenvolvimento”, defendeu Jan Kregel, professor da Universidade de Bolonha.

As evidências de uma crise, porém, não são exatamente de fácil identificação. Francisco Gros lembrou que as causas das últimas crises foram diversas. “No México, o problema foi o endividamento externo. Na Ásia, foi a alavancagem, na Rússia, o colapso das instituições, e no Brasil, o desequilíbrio fiscal excessivo”, disse. “As causas são múltiplas e não há como fugir do risco”, disse.

Mudança gradual – Para efetuar mudanças na arquitetura financeira internacional, são necessárias medidas graduais, complementou o ex-presidente do BC. “Modificar estruturas já existentes é difícil. O mundo teria que acabar para que a adoção de regras completamente diferentes fosse possível, como ocorreu no período de Breton Woods (acordo que resultou no atual sistema financeiro internacional, em 73)”, encerrou Gros.

Um dos mais entusiasmados com a recuperação da economia brasileira era o economista Barry Eichengreen, da Universidade de Berkeley, na Califórnia. “Os países devem lutar contra a inflação de forma transparente, como fez o Brasil”, opinou.

Participaram ainda do painel o cientista político Luciano Martins, o economista Roberto Teixeira da Costa e o ex-presidente do BC Paulo Lyra.

19 MAI 1999

JORNAL DO BRASIL